



Artesãos do
Vale do Jequitinhonha

Da **terra** brotam as
bonecas de barro



REPORTAGEM RITA DE PODESTÁ
FOTOS ANDRÉ DIB

O Vale do Jequitinhonha possui um desenvolvimento humano — histórico e cultural — imensurável em gráficos e até em palavras. Um exemplo é o magnífico artesanato que ganha vida em personagens e em objetos de decoração. Os trabalhos com barro que criam as cerâmicas tão características do Vale têm origem no trabalho das mulheres. As bonecas são as mais famosas peças das artesãs — personalidades donas de emocionantes histórias de vida, marcadas pela superação por meio do trabalho e do talento.

Quando se fala sobre a riqueza de uma determinada região, a princípio pensa-se em números e estatísticas. O que muitos questionam é que indicadores de desenvolvimento como o PIB (Produto Interno Bruto) e índices de taxa de crescimento desconsideram fatores sociais e ambientais que são ocultados por indicadores monetários. O resultado é a representação de um país, estado ou região por sua produção material, ignorando riquezas humanas.

A discussão sobre o tema existe e tem sido contornada. Desde a criação, em 1990, dos primeiros Indicadores de Desenvolvimento Humano (IDH), instituições internacionais, empresas e ONGs, buscam uma maneira de compensar, ou completar, os indicadores monetários por sociais, ambientais, até mesmo éticos. O IDH foi criado com a intenção de abordar o desenvolvimento humano. O índice considera longevidade (saúde), renda e educação. Todos itens de enorme importância, entretanto, ainda assim, deixam passar despercebidas comunidades que contornaram seus problemas com criatividade e muito trabalho.

É o caso do Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais. Uma mesorregião de cerca de 62,9 mil km², na qual vivem 977,8 mil pessoas — de acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — com um PIB total que corresponde a menos de 2,0% do PIB estadual.

O que não se sabe por meio destes dados é que o Vale possui um desenvolvimento humano — histórico e cultural — imensurável em gráficos e em até palavras. Discursos que enfatizam a condição de dificuldades da região desconsideram outras formas de interpretá-la como as leituras que consideram exclusivamente a cultura popular. Cultura que gera renda e desenvolvimento humano, para quem é do Vale e para quem visita a região.

Luta e conquista

A região do Vale é recortada em três partes: Alto Jequitinhonha, nos arredores de Diamantina; Médio Jequitinhonha, próximo a Araçuaí; e Baixo Jequitinhonha, em Almenara, divisa com a Bahia.

O Alto do Jequitinhonha foi um dia terra rica em ouro e diamantes que chamou a atenção dos Bandeirantes. A primeira descoberta de ouro foi no final do século XVII, na cidade do Serro. Com isso, nas regiões próximas à cidade histórica de Diamantina, foram instalados os primeiros núcleos de mineiros. Hoje é a região mais rica do Vale e apresenta melhores indicadores humanos e econômicos, além de intenso turismo.

Já o médio e baixo Jequitinhonha eram cobertos por floresta Atlântica e povoados por tribos indígenas. Nos primeiros anos do século XVII iniciou-se ali uma busca de terras propícias às pastagens. Numa disputa entre mão armada e flechas, os vaqueiros derrubaram as florestas. No lugar surgiu o capim colonião. O que restou é um solo velho, cansado e surrado pelo pisar dos animais, queimadas e estiagens.

Hoje, o Vale do Jequitinhonha pode ser entendido como uma rica zona cultural, devido às suas diversas manifestações: folclore, conjuntos arquitetônicos e históricos e a produção artesanal, em palha, bambu, madeira, algodão e cerâmica. Sendo esta última, a mais representativa e reconhecida. O artesanato de cerâmica pode ser encontrado em museus, exposições, centros culturais, assim como em lojas especializadas em arte popular.

Algo que não aconteceu de maneira fácil, mas devido à perseverança e coragem de mãos fortes e corações gigantes. As mulheres do Jequitinhonha.



As bonecas são as mais famosas das peças das artesãs. Os trabalhos em barro que criam as cerâmicas tão características do Vale, têm origem no trabalho das mulheres. "A gente faz a triana, bate o barro, quebra o barro, soca, amassa, molda, cria o produto, espera secar, pinta, queima. Tudo em seis dias".

Viúvas de marido-vivo

Os trabalhos com barro que criam as cerâmicas tão características do Vale, têm origem no trabalho das mulheres chamadas popularmente de Viúvas de Marido-vivo ou Viúvas da Seca. Devido à seca e dificuldades de encontrar trabalho, os homens da região foram sempre obrigados a deixar as famílias para trabalhar em outras cidades, principalmente São Paulo. Com isso, restava às esposas ficar em casa com os filhos e ir atrás de fontes de renda. A solução estava no único recurso abundante dali. A fonte veio da terra seca. As mulheres encontraram no barro a matéria-prima de vasilhas, panelas e potes e futuramente bonecas, animais e objetos de decoração. Foi assim que “da terra seca onde não nasce nem um pau de flor, começaram a brotar bonecas de barro”, como diz sabidamente o dito popular. Um conhecimento que atravessou gerações, transmitido de mãe para filha e às vezes até filho.

No início os produtos fabricados eram utilitários, e muitas vezes nem eram vendidos, mas trocados em feiras por alimentos. O caminho era árduo. Mães e filhas peregrinavam de madrugada com as peças, a pé ou de burro, para pegar o caminhão que as levaria à cidade de Capelinha. A artesã Anísia se lembra bem. “A gente levava na carroceria do caminhão. Arrumava nos baldes, levava às vezes na cabeça lá de Campo Alegre até no asfalto, pra pegar o caminhão. O caminhão passava lá de madrugada.” Anísia Lima de Souza mora na Comunidade Campo do Buriti, a 10 quilômetros de Turmalina. Tem três filhos e seu marido trabalha numa mineradora em Conceição do Mato Dentro.

Essa rotina era feita aos sábados. Mal retornavam o trabalho já começava. Quando tudo acabava, já era outro dia de feira. “Segunda tirava o barro, secava amassava, tinha que produzir tudo na semana. Sexta queimava. Tirava de madrugada mesmo, embalava com capim, folha de banana. Aí punha nesse saco de fibra, punha na cabeça e ia embora. Chegava em Capelinha e trocava as coisas: feijão café, verdura. Chegava em casa tinha que arrumar a casa. Domingo às vezes a gente saía, passeava. Ia no forró. Mas segunda, seis horas da manhã,

tudo de novo.” Quem conta é Deuzeni Gomes dos Santos, artesã também moradora da Comunidade Campo do Buriti.

Deuzeni e Anísia são muito mais do que duas artesãs: representam uma história de superação e humildade. Hoje, não relutam ao dizer como os tempos mudaram — para melhor. Mas elas têm na memória toda a sua trajetória de vida, muitas vezes solitária, porém com a ajuda das outras viúvas, mantinham vivas a certeza de que algo poderia ser feito.

Mãos de artesãs que levantam paredes

Deuzeni se lembra bem. Ela relata que em 1994 as artesãs se reuniram, na maioria jovens de Campo Alegre que casaram e mudaram para comunidades próximas à Turmalina. Eram oito, junto com Dona Rosa, já senhora e que morava na comunidade. Todas tinham que trabalhar, mas sabidamente perceberam que sozinhas não tinham a mesma força que unidas. O exemplo veio de Campo Alegre, onde algumas eram já afiliadas às Associações que sobreviviam muito pela ação do então CODEVALE (Comissão de Desenvolvimento Vale de Jequitinhonha). No final dos anos 70, este órgão do governo — que depois foi transformado em uma secretaria especial do Vale do Jequitinhonha — enviava pessoas com frequência às associações para fazer alguma compra ou encomenda.

Elas começaram a se reunir onde fosse possível — na rua ou na porta da igreja — para discutir formas de melhorar o artesanato e a renda. Em um dos encontros, foram avistadas pelo padrinho de Deuzeni que resolveu dar um lote para as artesãs construírem a associação. Eram então oito mulheres, um sonho em comum e um lote de 10m². “Tínhamos o lote e a vontade de construir. Mais nada, material nenhum, nem por onde começar. Daí, surgiu um mutirão das mulheres e limpamos o lote.” No início a ajuda era escassa, mas aos poucos os homens ajudaram, inclusive a prefeitura, com material e transporte. O trabalho pesado ficou mesmo por conta das mãos femininas. “Levantamos paredes, alguns zombavam da gente, outros passavam e nos animavam e davam dicas pra nós”. Tudo era improvisado, menos a determinação.



Rotina árdua para ir ‘coitar’ o barro, a matéria-prima.

Artesanato em
cerâmica do Vale, o
mais representativo
e reconhecido.





O jeito é viver e var de perto. Sentir o barro, pisar na terra seca e moldar com as artesãs uma nova forma de pensar sobre o Vale e suas verdadeiras riquezas.



O valor do artesanato do Vale também está na história, na simpatia e na humildade de quem o produz.

“Caçar” barro

Hoje são mais de 40 artesãs. Deuzeni saiu da associação, pois agora pode trabalhar sozinha. “Valeu o esforço, aprendi muito. Foi muito sofrido. As humilhações de ter que pedir as coisas e ouvir muitas negativas. Com cada coisa aprendi um pouco. Até como deixar os meus filhos para poder cuidar do trabalho. Pra mim a associação é um aprendizado. Aprendi a conviver.”

Dona Rosa é a mais velha. Ao ser perguntada sobre como tudo começou, diz que o caso é muito grande. “Eu comecei comigo mesma, não foi ninguém que me ensinou. Foi caçar barro, moldei umas dez panelas sem ninguém me ensinar e pus pra secar e queimar. Daí, eu vendi algumas por um mil e quinhentos réis.” Hoje com quase 90 anos, Dona Rosa não pensa em parar. “A cerâmica é um divertimento. Eu vivo sozinha aqui, tem dia que a cabeça tá ruim, aí eu pego uma panela de barro pra fazer.”

Junto com elas, várias outras mulheres são protagonistas. Irene, Zezinha, Luisa, Tereza, Faustina, Zefinha, Aúrea, Rita. Cada uma atua como pode. Faustina é líder comunitária, sempre preocupada com tudo e todos. Ela é responsável pela divisão das contas de água e luz dos moradores e pela coordenação da Associação de Moradores do Campo Buriti e Coqueiro Campo. Já Zezinha — Maria José Gomes da Silva — foi selecionada para a exposição de Mulheres Artesãs da ONU em Nova Iorque. Parece até que ela não sabe o quão perfeito já é seu trabalho. “Eu sempre acho que posso melhorar. Ah, eu queria uma boneca bonita demais, um vestido bonito demais”, afirma.

Turismo solidário

Todos esses esforços foram aos poucos chamando a atenção. Em 2005, o Governo de Minas criou o Turismo Solidário, um programa elaborado para realizar a ordenação turística de localidades que possuem rico patrimônio natural e cultural, porém baixos índices de desenvolvimento humano. A iniciativa qualificou vários moradores de algumas cidades do Norte do estado e do Vale do Jequitinhonha.

Enquanto isso, outras iniciativas surgiram de olho no desenvolvimento das riquezas culturais do Vale — e uma delas merece atenção especial: o projeto Raízes. Inaugurado em 2006 como Raízes Turismo e Desenvolvimento Local, tinha o propósito de unir o desejo das turismólogas Mariana Madureira e Marianne Costa de desmistificar que o turismo deve ser uma atividade meramente econômica. Em 2009, criaram o Raízes Artesanato, voltado para a comercialização de artesanato solidário do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas. Até que em 2012 ampliaram e criaram a Raízes Desenvolvimento Sustentável, um negócio social de desenvolvimento local que utiliza o turismo, artesanato e associativismo para promover experiências e enriquecimento cultural às pessoas, além de fomentar soluções sustentáveis de desenvolvimento local.

“Mariana e Marianne são duas meninas muito inquietas, muito vivas, que pensam sempre em como podemos transformar o mundo, mudar as coisas e como o turismo pode fazer diferença na vida das pessoas.” O depoimento é de Jussara Rocha, historiadora, hoje também sócia da empresa.

No início, a iniciativa consistia na tarefa de trazer, expor e vender o trabalho das artesãs. Mas certamente o convívio com as mulheres e a vida do Vale instigou as inquietas empresárias de que era possível e preciso fazer mais. Os valores das obras comercializadas não estavam apenas na beleza do objeto. O verdadeiro valor estava na história, na simpatia, na humildade de quem o produziu. “A gente valoriza o artesanato, porém fazemos as pessoas entenderem que o Vale do Jequitinhonha é a vida dessas pessoas. E mais: isso desmistifica o Vale como uma terra da pobreza. É um vale da riqueza das pessoas. As pessoas ali transformaram suas vidas com histórias incríveis”, argumenta Jussara.

Diálogo e desenvolvimento

A Raízes criou um diálogo com a comunidade para formatar um roteiro de base comunitária com os artesãos. No início, ensinaram as mulheres sobre a cadeia produtiva e sobre os preços — uma qualificação empreendedora. Hoje realizam consultoria, trabalhos de voluntariado, viagens solidárias e viagens de experiências. Essa última é a chamada Viagem do Barro à Arte que consiste num roteiro de seis dias para o Vale, nas regiões de Diamantina, Minas Nova e Turmalina. Inclui hospedagem e alimentação na casa das artesãs e uma oficina de cerâmica que engloba todo o processo de produção. A viagem conta com a consultoria da curadora de arte Maria Sônia Madureira de Pinho, pós-graduada em Gestão do Patrimônio e que já trabalhou com o mesmo grupo de artesãs.

Longe de ser um roteiro turístico engessado, a viagem torna-se uma experiência surpreendente. É uma imersão no mundo dessas guerreiras que recebem com um sorriso no rosto e uma vontade de compartilhar, de ensinar. A Raízes faz questão de que participem o maior número possível de mulheres: algumas dão oficinas, outras fazem almoços fartos e deliciosos, outras abrem suas casas para uma boa prosa.

"A gente faz a triilha, bate o barro, quebra o barro, soca, amassa, molda, cria o produto, espera secar, pinta, queima. Tudo em seis dias. Em cada casa elas contam uma história, e quando você vê todos parecem amigos de longa data. É muito bonito. Só vivendo. É difícil formatar um roteiro e colocar na prateleira," explica Jussara.

Já as viagens solidárias são realizadas de acordo com demandas da região. A mais recente ação realizada foi a criação de uma biblioteca comunitária para as crianças. Foram doados mais de mil livros, que já estavam nas mãos de jovens e crianças antes mesmo da comunidade terminar de construir o local da nova biblioteca.

Personagens e protagonistas

"O barro ensina as pessoas que tem boas lições. Quando o barro é ruim não dá liga. Quando a idéia é ruim não dá liga também." É o que diz a sábia Dona Rosa.

As idéias se aprimoraram. De potes e panelas, o artesanato ganhou vida em personagens e em objetos de decoração. As bonecas são, sem dúvida, as mais famosas das peças das artesãs. Casalis, moças e mães amamentando seus filhos. Segundo Joubert Cândido, coordenador da galeria do Sesc MG em Belo Horizonte, a idéia das bonecas surgiu por causa do formato das tampas de bilha — vaso de barro com gargalo curto e estreito. Mas cada objeto é de um jeito. Cada artista tem características próprias. Há quem diz que as bonecas levam traços da criadora.

"O jeito de fazer a cerâmica mudou muito. O acabamento, as peças. Hoje, quase não se faz as peças que a gente fazia. O pessoal comprava pra usar mesmo. Agora, o pessoal usa muito peça industrializada e compra pra decorar", coloca Deuzani. A artesã emociona quem escuta sua trajetória de vida. Ela conta que no dia em que nasceu, sua madrinha e parteira a levou para o lado de fora, já que na casa não havia luz. "Ela me pegou pra ver se eu era normal, pois estava escuro. Ela me disse que a primeira coisa que eu fiz foi abrir os olhos e olhar a luz. Eu sou apaixonada com a luz até hoje". Deuzani teve uma vida difícil devido às dificuldades da região, mas nunca deixou de enxergar poesia onde pudesse.

Quando adolescente, sua principal companhia, muitas vezes, era o caderno no qual escrevia e depois desmanchava tudo para poder escrever mais. Agora, é uma artesã do barro e das palavras. Jussara relata que em uma das viagens ao Vale, teve o prazer de ler seus pequenos poemas. "A Deuzani é poeta. Um dia, ela se sentou comigo na casa dela. Eu perguntei o que ela mais gosta de fazer e ela me disse que o que mais gosta de fazer na vida é escrever. Ela me mostrou o que escreve — nunca havia mostrado para ninguém. Eu lia e chorava. Ela tem até a quarta série. É uma pessoa iluminada. O sonho dela é publicar um livro."

Fácil é se emocionar com tantas histórias. Jussara diz, enfática, que ali estão "mulheres fortes e unidas para buscar soluções para melhorar a vida".

O jeito é viver e ver de perto. Sentir o barro, pisar na terra seca e moldar com as artesãs uma nova forma de pensar sobre o Vale e suas verdadeiras riquezas.

Cada artista tem características próprias. Há quem diz que as bonecas levam traços da criadora.

